

ou a certas canções de escravizados; eram o relampago no meio da tempestade que tão depressa nos ilumina, como nos pode fulminar; ou o suave idílio brutalizado, e não vencido, por um Oceano tumultuoso e traiçoeiro

As vibrações dos seus nervos de oiro ouviam-se, não só no meio da brisa acariciadora, mas ainda no reino dos furacões procelosos, aos quais a sua alma, ainda mais procelosa, dominava e se impunha, sem os seus trinados suplicantes e de saúde serem menos belos, de menor melodia. Por isso, surpreendera já a minha bôca, inconsciente, a cantar alto o que em princípio apenas murmurava baixinho. Eram os sentidos a exigir ao seu instrumento que executasse, em notas sonoras, o cântico que, mudo, banhava havia já muito o meu espírito.

*

*

*

Já por algumas vezes ouvi dizer, com um certo ar de desprêso: ora, a Florbela Espanca apenas se pôs, a si própria, em verso e nada mais. Mas isso é precisamente a suprema arte do poeta: arrancar-se a si próprio das profundezas ignotas de tôda a sua constituição e dar-se à luz em ritmos de beleza, em pétalas de perfume inebriante e mil côres de maravilha.

Descrever aquela paisagem, aquêlo corpo, sem mais nem mais, é obra de biólogo ou de anatomista.

O poeta só pode cantar a paisagem que sente, filtrada pelo seu psiquismo,

decomposta e reconstituída pelo seu laboratório divino em conjuntos estranhos, de um cromatismo pleno de novidades embriagadoras. As máguas e as alegrias do próximo, freqüentemente tão enternecedoras, tão frementes, jámais foram cantadas pelos poetas; o que êles cantam, são as próprias máguas, as próprias alegrias, bebidas, muito embora, nas máguas ou nas alegrias dos sêres que os rodeiam. Uma ideia profunda escondida nas contracções graníticas ou nas pregas brandas e subtis de um verso, é muito mais cintilante e entusiasmo-nos; mas o que nos faz palpitar, e mais encanta, é o modo como o seu autor a viveu, afagou e fecundou no peito.

A insatisfação, a ansiedade, a nostalgia do infinito podem ser partilhados irmamente pelo filósofo e pelo poeta, mas onde estas acabam começa a obra da Filosofia e termina a da Poesia.

A ideia é, normalmente, bebida pelo poeta a tragos de amargor e pede, no sangue dele, a obsecção da lógica, da coerência, para se tornar, simplesmente, sensibilidade que nos sensibiliza, e pre-dispõe a compreendê-la e a estimá-la. Quero dizer que só o sofrimento e a dôr nos pode dar a poesia? Não.

Quero dizer, unicamente, que só neles e na insatisfação, — que ainda é uma modalidade da dôr — se pode encontrar a profundidade e a revelação de mundos nunca sonhados; quero dizer que a poesia pode tocar indivíduos contentes da vida ou apenas melancólicos, mas que, ainda assim, a sua poesia não é a poesia do exterior, mas o exterior coado